

## **Processo de Constituição Referencial em um Texto Traduzida da Língua Brasileira de Sinais (LSB): A Questão da Anáfora/Catáfora**

Tayná Araujo Nunes\*

**Resumo:** O presente artigo visa analisar os processos de referenciação que colaboraram na progressão textual de uma tradução em língua portuguesa escrita de um texto falado em Língua Brasileira de Sinais (LSB), que é a língua de cultura da comunidade Surda brasileira, cuja modalidade de produção é visual-gestual. Fundamentado em Cardoso (2003), Cavalcante (2005, 2014) e Koch (2005), foi analisado os mecanismos anafóricos e catafóricos que contribuíram para a construção da coesão/coerência discursiva na orientação argumentativa. Foi identificado que o uso de referentes hiperonímicos no corpus em questão intermedia argumentativamente referências exofóricas aos seus hipônimos.

**Palavras-chave:** Língua de sinais Brasileira, Libras, referenciação, anáfora, catáfora.

**Abstract:** This paper aims to analyze the reference process that compound the textual progress in a written translation to written Portuguese language from “spoken” Brazilian Sign Language – LSB (face-to-face communication), the native visual-gestural cultural language of Brazilian Deaf people. Theoretically based in Cardoso (2003), Cavalcante (2005, 2014) and Koch (2005), the anaphoric/cataphoric mechanism that contribute to coherence/cohesion establishment in the argumentative orientation was analysed. It was identified that hypernymy’s referents in the corpus contribute to bild the exophoric reference to their hyponymys.

\* Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Mestre. tayna.naves@ufms.br

**Keywords:** Brazilian Sign Language, Libras, referenciation, anaphor, cataphor.

## **Introdução**

O presente artigo visa analisar os processos de referenciação que colaboraram na progressão textual de uma tradução em língua portuguesa escrita de um texto falado em Língua Brasileira de Sinais (LSB), que é a língua de cultura da comunidade Surda brasileira, cuja modalidade de produção é visual-gestual.

Para fins deste trabalho o corpus analisado é constituído por um texto em português, e será considerado como uma produção única, desconsiderando as interferências. Assim, influências tanto do tradutor (em suas escolhas) quanto da língua fonte (LSB) não foram abordadas.

Com isto em mente, a análise linguística será voltada exclusivamente na investigação de como foi constituído os processos de referenciação no corpus considerado (que se encontra em anexo). Devido ao curto espaço de discussão que nos fora proporcionado, a análise será focalizada nos mecanismos anafóricos e catafóricos contribuidores na construção da coesão/coerência discursiva (e orientação argumentativa). Mas que vem a ser referenciação?

Cardoso (2003), em sua obra "A QUESTÃO DA REFERÊNCIA" traz uma excelente discussão sobre o tema. Nela, a questão da referência é abordada do ponto de vista linguístico e filosófico, apresentando sua evolução histórica e levando a compreensão dos contextos teóricos em que se pode situar uma discussão/pesquisa/análise sobre a temática.

Com certeza é uma obra tanto introdutória (sem ser simplória) que certamente serve como intermediadora da concepção e compreensão das dêixis e anáforas, enquanto mecanismos de referenciação.

Ao longo de seu panorama das discussões teóricas que contribuíram para o entendimento moderno deste conceito, a autora traz as contribuições de Benveniste (deslocamento do conceito de referência da estrutura concreta da língua, para a enunciação, onde a referência passa a ser a condição da enunciação), Russell (a referenciação pode ser feita diretamente, sem nenhuma mediação), Strawson (desloca a referência para o uso, trazendo a distinção/conceitualização de sentença, utilização da sentença e elocução da sentença, mostrando e admitindo usos sem referência textual), Donnellan (a importância decisiva do contexto de emissão para a análise de proposições com descrições definidas), Searle (estabelece a referência como um ato proposicional, e que nenhuma expressão ou sentença por si mesma evoca um referente) e Kripke (proposta alternativa a respeito da referência. Prioriza a exterioridade do referente e não o sentido).

A moderna concepção de referenciação está muito bem resumida em Koch (2005), que traz o entendimento da referenciação concebido como uma atividade discursiva a partir de “um deslizamento do conceito de referência”, onde privilegia a interação intersubjetiva e social e objeto-de-discurso (deslocamento do conceito de referente, denominando “entidades que são interativamente e discursivamente construídas pelos participantes no fio de sua enunciação”).

Nesta perspectiva Cavalcante (2014), basenando-se em Koch (2005) e em muitos outros trabalhos/autores, coloca a noção de referente tida como uma informação que pode ser retomada por meio de processos de referenciação. E a autora traz o conceito de **introdução referencial**, que pode ou não serem retomadas correferencialmente (retomando um mesmo referente real, e não seu conceito), explicando que este fenômeno só existe quando, num processo de compreensão, um referente for considerado novo no contexto (ou construído pela primeira vez na mente do coenunciador) e não tiver sido engatilhado

por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto (embora o possa estar no cotexto).

De acordo com a pesquisadora (o. cit.), a distinção entre a introdução referencial e a **anáfora** se dá pelo fato de que nas introduções o referente é apenas constituído, já nas anáforas a tendência dos referentes retomados é ser recategorizado (evoluir com acréscimo de informações, sentimentos, opiniões, etc.), sendo a anáfora qualquer situação de continuidade referencial.

Sob este prisma, é realizado na obra uma classificação destes fenômenos, compreendendo e conceituado as anáforas em subtipos (Anáforas diretas, indiretas e encapsuladoras) os quais apresentaremos a seguir, segundo sua tipologia, apenas os utilizados nas análises deste trabalho:

**Anáforas diretas** (ou correferenciais) são tidas como os processos de referenciação que retomam o mesmo referente que já tiver sido introduzido no texto/discurso, fazendo isto por meio de palavras ou expressões, que pode ou não estar explicitada no texto; **Anáforas indiretas** remetem a referentes expressos no cotexto ou a pistas contextuais. A fronteira que delimita a separação entre uma anáfora correferencial e uma anáfora indireta é simplesmente o fato de esta última não retornar o mesmo referente, recategorizado ou não. Sua interpretação depende de outros conteúdos fornecidos pelo contexto, e elas não tem nenhuma correferência com nenhuma outra entidade; **Anáforas encapsuladoras** resumem porções contextuais, ou seja, conteúdo de parte do cotexto somado a outros dados de conhecimento compartilhados. É um fenômeno metalinguístico que exerce funções argumentativas decisivas para o projeto de dizer de cada enunciador

Além disto, a pesquisadora identifica em alguns fragmentos de texto, introduções referenciais que “encontram algum tipo de ancoragem no co-texto, o que lhes confere, em vista disto, um caráter anafórico”.

No que tange às anáforas, (CARDOSO, 2003) identifica que elas podem ser endofóricas (quando o referente fora mencionado no co-texto) ou exofóricas (quando se encontram fora do co-texto).

Desta forma, verificamos que quanto mais adentramos nos meandros do ambiente discursivo, cada vez mais os procedimentos de referenciação a objetos-do-discurso que estão fora do co-texto ficam cada vez mais sutis e complexos. Quanto mais sabermos sobre elas, maior disponibilidade ferramental se terá tanto para realizar mais conscientemente nossas enunciações, quanto para empreender uma análise discursiva.

### **Constituição do Corpus**

O corpus foi constituído por uma tradução para a língua portuguesa de um trecho de uma entrevista, em LSB e de temática livre cujos gêneros textuais mais presentes foram as narrativas e o discurso argumentativo. O entrevistador foi um dos autores desta obra e os entrevistados foram um casal Surdo. A entrevista foi realizada em abril de 2015, na casa dos sujeitos e, devido a limitação de recursos, gravada por um auxiliar em um smartphone Android Sony Xperia.

O sujeito A é Surdo congênito, sobrinho de Surdo, homem, casado com o sujeito E, 30 anos, graduado em pedagogia, mestrando em educação, professor de Libras da prefeitura municipal de Campo Grande, representante estadual da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos)

O sujeito E possui surdez adquirida aos oito meses de idade devido a complicações de saúde agravadas com parada dos rins, o que exigiu tomar medicamentos ototóxicos. É mulher, não tem parentes consanguíneos Surdos, casada com o sujeito A, graduada em Letras/Libras, professora/instrutora de Libras da prefeitura municipal de Campo Grande. Sua Surdez só fora descoberta aos três anos de idade.

Durante a infância estudou em escola de surdos bimodalista, e a família (mãe e irmã) somente aprendeu LSB quando E já era adolescente.

Os sujeitos autorizaram a utilizar suas imagens para fins didáticos e científicos. Porém enfatizaram que não gostariam que o inteiro teor das gravações fosse disponibilizado ao público em geral.

### **Análise**

A seguir analisaremos alguns trechos do corpus, o qual se encontra, em anexo, e com linhas numeradas para facilitar a localização das unidades discursivas em consideração.

a) Linhas 01 e 02: *Olha tem duas situações aí duas coisas... DUAS separadas - - ei me chamou? A tá - - duas coisas distintas que vou explicar... (...)*

Em “situações” (linha 01) temos a introdução do referente. Entretanto já fora informado anteriormente que estas “situações” seriam duas. Desta forma temos, na primeira aparição de “duas” (linha 01) uma situação de catáfora que recategoriza “situações”

Em seguida podemos perceber várias recategorizações desse referente introduzido por meio de anáforas correferenciais recategorizadoras (CAVALCANTE 2014), as quais podem ser visualizadas em:

“duas coisas” (linha 01); “DUAS separadas” (linha 01); “duas coisas distintas” (linha 01 e 02)

b) Linhas 02 e 03: *(...) primeiro tem a família que sabe língua de sinais... a família educa a criança e ela aprende as boas maneiras... (...)*

Em seguida o trecho b) recategoriza parte do referente introduzido em a) - “situações”. Pode-se dizer que tanto “família que sabe língua de sinais” e “a família educa a criança” recategoriza exoforicamente um certo referente que chamaremos de “situação 01”.

Explicando: Como o locutor vem enunciado que seu referente é bipartido, possuidor de duas características, então quando aparece a palavra “primeiro”, é claro que ela se refere a uma destas características do referente introduzido. Mas como esta característica não fora mencionada (e não se encontra lexicalizada) poderíamos denominá-la adequadamente como “primeira situação”<sup>1</sup>, logo estamos diante de um referente fora do texto; exofórico portanto.

Um caso análogo ocorre em:

c) 07 e 08: (...) *na segunda situação a família não sabe nada de língua de sinais não ensina nada pra criança (...)*

Para não sermos repetitivos iremos focar a análise em um aspecto que não fora discutido anteriormente, e que pode ser aplicado em b) por simetria. Neste trecho os enunciados “não sabe nada de língua de sinais” e “não ensina nada pra criança ...” a pesar de não ter nenhum marcador argumentativo possuem relação de causa-consequência. Essa relação que estes enunciados possuem poderiam ficar muito mais explícitos se fossem operados da seguinte forma:

COMO “não sabe nada de língua de sinais” ENTÃO “não ensina nada pra criança ...”.

Além disto, “não sabe nada de língua de sinais” e “não ensina nada pra criança ...” é uma característica dessa família, logo ambos os enunciados recategorizam “família” (linha 07). É bom salientar que não houve um processo de co-referenciação com “família” da linha 02, que remete a um referente distinto.

---

<sup>1</sup> Pode-se considerar ainda, do ponto de vista semântico, que o rótulo fictício “situação 01” possui uma relação de hiponímia com o referente introduzido na linha 01. (Fictício por termos criado este rótulo apenas para fins didáticos. Entretanto seu referente exofórico sempre continuará existindo, tendo sido denominado ou não. Poderíamos ter escolhido outros rótulos, como por exemplo: “Situação a”, “situação<sub>1</sub>”, “Caso 01”, “Caso ou qualquer outro significante que estabeleça uma relação de referenciação com o exofórico em estudo)

Por fim,

d) Linhas 14 e 15: (...) *aproximadamente 70% acham que é grosseria* (...)

e) Linhas 21, 22 e 23: (...) *essas formas grosseiras são muito e despropositadamente utilizadas só dentro deste subconjunto de 30% da comunidade surda* (...)

f) Linhas 25, 26 e 27: (...) ... *Essa comparação de 30% e 70% eu conheço já investiguei no mestrado... fiz uma pesquisa comparativa... é por isso que estou te falando sobre estas duas situações diferentes* (...)

Nos trechos d) e e) “grosseria” e “formas grosseiras” refere-se à forma de tratamento por parte de um grupo de surdos. Com base na orientação argumentativa construída paulatinamente até a linha 14, percebe-se que o locutor se refere a forma de conduta dos surdo filhos de pais ouvintes e conseqüentemente ao referente exofórico “primeira situação”, que é recategorizado tanto por este procedimento, quando pelo trecho “deste subconjunto de 30% da comunidade surda”.

“Estas duas situações diferentes” (linha 27) realiza uma retomada anafórica não só do referente inicialmente introduzido (“duas situações”, linha 01) mas cada um de seus dois hipônimos exofóricos todas as recategorizações e exemplificações. Sendo assim, é uma anáfora encapsuladora.

### **Considerações**

Muitos fenômenos identificados no corpus foram deixados de fora da análise por necessitarem de um olhar multidisciplinar com outras áreas de pesquisa (estudos culturais, estudos da tradução, linguística das línguas de sinais, etc.), o que não só estenderia muito as análises como traria ao trabalho um foco mais difuso.

Dentre os fenômenos analisados, o uso de referentes hiperonímicos chamou a atenção para a possibilidade de este poder intermediar argumentativamente uma referenciação exofórica aos seus hipônimos.

Entretanto, devido ao tamanho do corpus e a pequena complexidade das análises, esta questão necessitaria ser investigada posteriormente com maior acuidade e afinco.

### **Referências**

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência:** das teorias clássicas à dispersão de discursos. Campinas-SP: Autores Associados, 2003. Cap 3 e 4 p.

CAVALCANTE, M. M. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. V.; MORAT, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso.** São paulo: Contexto, 2005.

CAVALCANTE, M. M. Coerência, referenciação e ensino. cap 02. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

KOCH, I. V. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. V.; MORAT, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso.** São paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação.** Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva. [S.l.]: Cortez, 2001.

## ANEXO

### O Corpus

01 Olha tem duas situações aí duas coisas... DUAS separadas - - ei me chamou? A tá - - duas  
02 coisas distintas que vou explicar... primeiro tem a família que sabe língua de sinais... a família  
03 educa a criança e ela aprende as boas maneiras...Hãn rãn - - péra - - um exemplo de educação  
04 duas pessoas se encontram... talvez é:: qualquer um surdo ouvinte... não/errado... ei você é  
05 bonita você é correta mas tem um probleminha ... hãn rãn... que vc precisa resolver tá? ele  
06 ouve e fica sim um pouco constrangido mas agradece... porque com ouvinte é diferente....  
07 agora:: na segunda situação a família não sabe nada de língua de sinais não ensina nada pra  
08 criança... o surdo olha uma situação e fala ((dando de ombros)) El que feio... você está muito  
09 errado... e então as vezes magoa... então::... duas coisas diferentes... eu já tive uma ou outra  
10 experiência dessa ...MAS... por exemplo calma eh::... duas amigas vê uma mulher super gorda  
11 balofa mesmo aí uma fala... hum:: nossa::que gorda feia eihm:: isso... é culpa do surdo? É falta  
12 de informação... falta de conhecimento social... falta de compreender a sociedade... por que se  
13 soubesse viraria para ela e diria nossa você tá boNI::ta... precisa envolver falta para o surdo  
14 uma palavra elogiosa em que a pessoa ouve... agradece::... aproximadamente 70% acham  
15 que é grosseria éh:: diferente (...) por exemplo/pera aí/por exemplo::... é:: essa ofensa é sentida  
16 exatamente da mesma forma tanto pelo surdo quanto pelo ouvinte... por exemplo as vezes...  
17 um surdo vem e diz ((com cara de reprovação ou nojo)) á::: essa sua barba por fazer tá feia  
18 MUITO feia ridícula... eu também sou surdo eu também me sinto magoado com essa  
19 grosseria... ou também cre::do como você emagreceu ficou feio...as vezes o surdo se magoa  
20 mas as vezes é diferente... para uns trinta por cento dos surdos isso é muito natural... pq faz  
21 parte da cultura particular de seu grupo... durante conversações entre si essas formas  
22 grosseiras são muito e despropositadamente utilizadas só dentro deste subconjunto de 30% da  
23 comunidade surda 70% se magoam... Essa comparação de 30% e 70% eu conheço já  
24 investiguei no mestrado... fiz uma pesquisa comparativa... e por isso que estou te falando sobre  
25 estas duas situações diferente da comunidade surda 70% se magoa... Essa comparação de  
26 30% e 70% eu conheço já investiguei no mestrado... fiz uma pesquisa comparativa... é por isso  
27 que estou te falando sobre estas duas situações diferentes